

DF-Cinema

Início do renascimento cinematográfico

O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro premiou *Alma Corsária* e foi palco dos últimos instantes de Grande Otelo em solo brasileiro. O ator morreria três dias depois de receber apoteótica homenagem no Teatro Nacional. Em 94, dois bons filmes ajudaram a recuperar o nível da mostra competitiva: o vencedor, *Louco por Cinema*, e *Carmen Miranda: Bananas is my Business*.

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Em 1993, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro ainda caçava cineastas a laço. A produção continuava reduzida. Para promover mostra competitiva com (alguns) títulos de peso, era preciso correr riscos. Foi o que fez o comando do evento (Fernando Lemos & Maria Luiza Dornas). Eles aceitaram *Alma Corsária*, de Carlos Reichenbach, sem que o filme estivesse pronto. A cópia final só chegou a Brasília, dois dias antes de sua exibição.

Valeram risco e espera. O filme ganhou os principais prêmios do evento, que contou com safra de sete títulos: *Capitalismo Selvagem* (André Klotzel), *Vagas para Moças de Fino Trato* (Paulo Thiago), *A Saga do Guerreiro Alumioso* (Rosemberg Cariry), o documentário *A Dívida da Vida* (Octávio Bezerra), *A TV Que Virou Estrela de Cinema*, de Yanko Del Pino & Márcio Curi, e *Oceano Atlantis* (Chico de Paula). Fora este último, um desastre total, a safra até que não era desanimadora.

Nos anos em que o Festival esteve sob o comando de Luizinha Dornas, as aberturas eram realizadas no Teatro Nacional, com a Orquestra Sonônica brasiliense mostrando, ao vivo, trilhas sonoras de filmes mudos (como *Limite* e *Lábios Sem Beijo*). Em 93, o ator Grande Otelo, astro da chanchada e do Cinema Novo, recebia vibrante homenagem e fora aplaudido de pé.

Ninguém imaginava, vendo aquele ator de pouco mais de um metro e meio, alegre e esperto, apesar de já septuagénario, que ele morreria dali a três dias. Pois foi o que aconteceu.



FESTIVAL
DE BRASÍLIA
DO CINEMA
BRASILEIRO



Bernardo Bertolucci recebe um *Candango* especial na noite de encerramento do Festival de 1994

Edson Gênes

Depois dos aplausos calorosos e de distribuir autógrafos em livro de poesias de sua lavra, ele tomou um avião para Paris. De lá seguiria para Nantes, onde seria homenageado no Festival dos Três Mundos, dedicado à chanchada.

O pequeno Otelo, nascido Sebastião Patra, em Uberlândia/MG, nem chegaria ao seu destino. Morreria em Paris, no Aeroporto Charles De Gaulle, e seu corpo seria enviado ao Brasil, para que fosse enterrado. Ele tinha 78 anos. O Festival de 93 acabou sendo, portanto, o último palco de Otelo. Foi, também, o espaço da consagração de bons momentos do cinema brasileiro. Além do grande vencedor, *Alma Corsária*, o evento premiou dois filmes em 16 milímetros de muitas qualidades o belo *O Cão Louco* (Mário Pedrosa, de Roberto Moreira, e *Canal 100 - Nunc et Semper*, de José Roberto Torero). O melhor curta em 35 mm foi *Diário Noturno*, de Monique



O ator Grande Otelo foi homenageado em Brasília antes de pegar o vôo para Paris

Gardenberg.

Louco por Cinema- O FEST BSB/94 começou com bela homenagem ao primeiro vencedor do evento, o longa *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, no Teatro Nacional. Presentes o protagonista, Leonardo Villar, e o autor da trilha sonora e produtor associado, Geraldo Vandré.

Numa platéia rechada com nomes do primeiro escalão do Governo Itamar (que começava a ajudar o audiovisual brasileiro com o Prêmio Resgate) estava o ministro da Fazenda Ciro Gomes. A emoção foi enorme e os aplausos generosos. Roberto Santos (1928-1987), se vivo fosse, guardaria grandes lembranças daquela noite.

Embora a produção brasileira ainda estivesse na casa dos cinco ou seis filmes/ano, a mostra competitiva conse-

guiu reunir safra bastante razoável: além do vencedor, *Louco por Cinema*, de André Luiz de Oliveira, e do documentário *Carmem Miranda: Bananas is my Business*, de Helena Solberg (ambos de ótima qualidade), havia *Causa Secreta*, de Sérgio Bianchi; *Mil e Uma*, de Suzana de Moraes, e *O Calor da Pele*, de Pedro Jorge de Castro.

Cartola Joaquina, Princesa do Brasil, de Carla Camurati, integrava a lista. Só que, na última hora, a cineasta avisou que o "filme não estava pronto". Ninguém sabe se ela disse a verdade ou se fugiu da competição, interessada em levar sua farsa histórica direto para os cinemas. A dúvida persiste, mas o lançamento do filme foi um êxito retumbante.

Bertolucci - Em 94, além da curiosa presença de Geraldo Vandré - que transformou tumultuada coletiva de imprensa em coral improvisado para louvar a FAB com *Fabiana* - o FEST BSB/94 recebeu um convidado ilustre: o italiano Bernardo Bertolucci.

No mesmo ano, Gramado recebera, em estado de êxtase, a visita silenciosa de Michelangelo Antonioni. Para não ficar atrás, Luiza Dornas somou esforços de Joel Barcellos, Paulo Cezar Saraceni e Fiorella Amico. Os quatro conseguiram sensibilizar o diretor de *O Último Tango em Paris* - laureado com onze Oscar por *O Último Imperador* - a Brasília. Foi sua primeira visita à cidade.

No dia da premiação, Bertolucci foi homenageado e aplaudido de pé pela platéia do Cine Brasília que, também, aplaudiu os prêmios de *Louco por Cinema*, o grande vencedor. E, para espanto do ator Ruy Pollanah, a platéia vaiou o vencedor do juri popular - o documentário *Carmem Miranda: Bananas is my Business*. O curta vencedor de 94 foi o vibrante *Extinque!*, de Eduardo Caron.

■ Leia amanhã, o último texto da série: Em 95 e 96, a produção cinematográfica voltou a crescer. Já não era preciso pegar cineasta a laço, nem selecionar filme que ainda não estava pronto